

## **Um panorama geral sobre a história do ensino a distância**

*Katia Siqueira de Freitas*

*katiasf@ufba.br*

### **Introdução**

A importância do ensino ou educação a distância torna-se cada vez mais evidente e vem sendo muito utilizado e aceito em todo o mundo. A relevância deste tipo de ensino torna-se maior à proporção que novas camadas da população buscam educar-se ou atualizar-se profissionalmente devido as rápidas mudanças e transformações em todos os campos do saber e da vida humana no planeta.

Historicamente, programas de ensino a distância têm desempenhado um papel social que poderia ser considerado como terapêutico ou complementar. Eles têm ajudado a minorar o elitismo educacional vigente em muitos países e a corrigir algumas das fissuras do sistema tradicional de ensino. Em geral, eles complementam o sistema tradicional e muitas vezes atingem objetivos emergenciais, decorrentes das constantes mudanças sociais e tecnológicas.

A flexibilidade e adaptabilidade desses programas sempre tiveram um potencial único e versátil. Examinemos o conceito de ensino a distância, sua importância para a sociedade, algumas das suas modalidades, vantagens e desvantagens.

## **Conceituação**

O conceito de ensino a distância é amplo e, a princípio, pode ser aplicado a qualquer nível de ensino desde que cuidadosamente planejado e adequadamente disponibilizado aos interessados. Frequentemente, esse termo tem sido usado com referência aos programas nos quais estudante e professor estão separados em termos de espaço físico. A comunicação entre ambos se dá através de um ou mais meios de comunicação de massa e mais recentemente pela internet. O ensino a distância durante muito tempo foi entendido como uma forma do chamado ensino não-tradicional ou como uma modalidade do ensino independente, no qual o estudante ou cursista tem certo grau de autonomia para decidir tempo e local de estudos.

## **Os primeiros cursos**

O ensino a distância surgiu em decorrência da necessidade social de proporcionar educação aos segmentos da população não adequadamente servidos pelo sistema tradicional de ensino. Eles podem ter um papel complementar ou paralelo aos programas do sistema tradicional de ensino. Por vezes, são a única oportunidade de estudos oferecida a adultos engajados na força de trabalho e à donas de casa, que não podem deixar crianças e outras obrigações familiares para frequentarem cursos totalmente presenciais que requerem frequência obrigatória e cujos professores, nem sempre estão preparados para atender às necessidades do estudante adulto.

Katz (1973, p. 6-7) afirma que o primeiro curso por correspondência nos Estados Unidos foi de taquigrafia no ano de 1728. Castro e Guarany (1977, p. 407) registram um curso de taquigrafia, em 1840, na Inglaterra, e vários outros cursos por correspondência, no início do século XX, na Rússia e em, pelo menos, oito universidades americanas, Wisconsin, Oregon, Kansas, Minnesota, Nebraska, Texas, Missouri, e North Dakota. Rapidamente várias iniciativas de criação de cursos a distância se espalharam. Os mais bem sucedidos eram os do tipo extensão universitária ou técnicos. Havia uma grande resistência com relação a cursos universitários a distância, por isso poucas foram as experiências duradouras, mesmo nos países mais desenvolvidos.

No Brasil, o Instituto Universal Brasileiro, iniciado em 1940, parece ser a instituição mais antiga a manter cursos por correspondência. Desde então, outras instituições deste gênero foram criadas no Brasil, como o Centro de Estudos Regulares (C.E.R.), fundado em 1981. O objetivo do C.E.R. era permitir que crianças, cujas famílias se mudavam temporariamente para o exterior, continuassem a estudar pelo sistema educacional brasileiro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, vários cursos por correspondência foram criados com objetivos distintos. A França, por exemplo, implementou-os para atender às crianças cujas famílias tinham que se mudar constantemente.

Em verdade, cursos por correspondência continuam tão úteis em 2005 quanto nos séculos anteriores. A tendência é atualizá-los, acoplando-os às tecnologias educacionais mais modernas. A The Pennsylvania State University (EUA) e o C.E.R. (Brasil), por exemplo, introduziram, desde a década de 80, o uso de micro computadores, video-tapes e telefones em cursos por correspondência para auxiliar a aprendizagem do estudante. Atualmente, o DVD vem sendo usado por várias instituições brasileiras.

### **Avanços com os meios de comunicação**

A partir do século XVIII, o meio de comunicação mais utilizado pelo sistema de ensino a distância foi o correio impresso até que o telefone, o computador, a internet e os e-mails o suplantaram. Durante muitos anos, a comunicação escrita entre estudante e professor tornou-se o símbolo de ensino a distância e esses cursos não eram muito respeitados pelos acadêmicos mais tradicionais, que resistiam às novas possibilidades de ensino e estudos.

Recentemente, o panorama mudou. A crescente tendência é combinar vários meios de comunicação e usá-los em um só programa ou curso. Todavia o texto impresso e a comunicação escrita através do correio impresso continuam sendo básicos e não podem ser menosprezados. Em vários países, como o Brasil, esse é um meio de comunicação econômico e eficiente, facilitando a implementação e a manutenção desse tipo de ensino nas regiões onde o uso de meios de comunicação mais modernos e tecnologicamente sofisticados ainda não vigoram.

Outra possibilidade de ensino a distância é a transmissão pelo rádio. Este é também um meio de comunicação bastante econômico, eficiente e com algumas vantagens sobre o correio. O rádio tem um longo alcance e pode atingir áreas de difícil acesso para o correio. Além do mais, o rádio é um meio de comunicação quase que instantâneo, dada a rapidez da propagação das ondas sonoras. O advento do rádio de pilha permitiu que este se tornasse um dos meios de comunicação mais populares. Presentemente, o rádio não é tão explorado para fins educacionais quanto pensamos que poderia ser.

Moore (1972, p. 77) afirma que há menos estudos sobre o uso do rádio como meio de instrução, do que sobre o uso da televisão. Isto sugere que o rádio como um meio instrucional não tem sido muito significativo. Contudo, recentemente, parece haver crescente interesse na implementação de cursos por rádio, talvez em consequência da crise econômica que vem atingindo as nações. É conveniente lembrar que o rádio pode atingir áreas onde a TV ainda não tem recepção ou a recepção não é de boa qualidade. A utilidade dos programas de rádio pode variar. Seu uso vai desde educar ou instruir povos cujos idiomas não têm forma escrita, até o ensino de línguas estrangeiras e de cursos nas mais diversas áreas ou níveis do conhecimento .

A Universidade de Purdue (E.U.A.), por exemplo, oferecia, pelo menos, 14 programas educativos através do rádio durante o segundo semestre de 1969. Uma vez aprovados nos exames, os estudantes poderiam ganhar créditos válidos para o curso de graduação. Em 1980, a Universidade West Virgínia, Wesleyan (E.U.A.) oferecia curso de graduação completo por rádio. No Brasil o rádio foi usado para transmitir programas dos antigos cursos de primeiro e segundo graus, atualmente ensino fundamental e médio respectivamente. Hugo Osório (1974, p. 25-26) se refere a, pelo menos, dois programas de rádio no Brasil: Madureza e Projeto Minerva. Outros programas educacionais transmitidos pelo rádio ocorreram e ainda ocorrem no Brasil. O Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, por exemplo, vem desenvolvendo um papel significativo junto à população, contudo atualmente a força da televisão parece ser bem maior.

O telefone como meio instrucional popularizou-se nos últimos 48 anos, sobretudo nos países onde o desenvolvimento tecnológico fez do telefone um meio de comu-

nicação relativamente barato e acessível à grande maioria da população. As experiências, realizadas na década de 1960, indicaram que o telefone é um excelente motivador da aprendizagem, seu efeito é superior ao do rádio e ao do material impresso, devido a comunicação de dupla via. Desde então, houve uma verdadeira proliferação de programas educacionais por telefone tanto nos Estados Unidos, como na Europa, embora a oferta de curso por TV e, mais recentemente, por internet ainda seja maior que por telefone.

A grande maioria das instituições que oferece cursos por telefone nos Estados Unidos mantém números especiais que os estudantes podem ligar sem precisar pagar, mesmo que a ligação seja interurbana, é o caso do 0-800 - atualmente bem disseminado no Brasil. Até mesmo cursos de tutoria a distância por telefone, acoplado a outros elementos tecnológicos, como Internet, e a cópias impressas do material de estudos, já acontecem, hoje em dia, entre países, como Índia e Inglaterra. Companhias como Growing Stars e Career Launcher India em Nova Deli, Índia, oferecem reforço escolar a distintos países, é a chamado tutoria “on line”.<sup>1</sup> Com essas e outras experiências similares, já podemos falar em ensino sem distância.

A grande vantagem do telefone é permitir diálogo instantâneo entre estudante e professor ou tutor, facilitando discussões, esclarecimentos de dúvidas e reforço imediato. O uso adequado do telefone é bastante eficiente, sobretudo se aliado a algum tipo de material visual ou internet e material impresso. Tal combinação ajuda a ativar a motivação dos estudantes e, conseqüentemente, o sucesso da aprendizagem.

A utilização da televisão como meio de ensino a distância é bem documentada na literatura. Shulman (1981, p.7) registra que na década de 1950 cerca de 114 faculdades independentes e universidades americanas já mantinham, com sucesso, aulas por TV, combinando-as, às vezes, com aulas presenciais. Durante algum tempo, os cursos por TV entraram em declínio, mas o advento do video-tape e do satélite os reativaram. Em 1979, cerca de 71% das universidades americanas ofereciam cursos por TV em circuito fechado.

A TV tem uma característica peculiar: poder combinar audição, visão e emoção com grande vantagem para a aprendizagem do estudante. Por causa desta característica, a televisão se adequa muito bem ao ensino de um número imenso de assuntos, que variam desde arte culinária, desenho, matemática, línguas estrangeiras, engenharia, entre outras. Na Flórida, por exemplo, há curso de pós-graduação por TV para engenheiros. No Brasil, há programas de TV de ensino médio, técnico profissionalizante desde o final do século XX.

Mas, foram as transmissões de programas educacionais via satélite que deram novo impulso aos programas de TV e a Internet. Os Estados Unidos têm longa experiência com o uso do satélite para a transmissão de programas educacionais. Em 1971, a Universidade de Washington já oferecia treinamento médico, via satélite, beneficiando as áreas de Seattle, Alaska, Montana e Idaho. A Universidade do Pacífico Sul (University of the South Pacific) conduzia programas via satélite, desde 1977, como uma maneira de superar sua própria carência de professores. A Índia também, aproximadamente no mesmo período, transmitia programas educacionais via satélite para cerca de 2.400 vilas, que de outra maneira não teriam acesso à educação. Segundo Long (1982), a Austrália já planejava transmitir programas educacionais via satélite a partir de 1986. Atualmente, PUC de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, já vive a experiência de oferecer cursos de extensão a distância para médicos de vários países da América do Sul.

Com o desenvolvimento da tecnologia e seu uso para as comunicações de massa, as transmissões via satélite se fizeram, cada vez mais, importantes para vários campos do conhecimento humano (história, geografia, física, química, matemática, desenho e outros) e em todos os níveis, assim como para obter informações imediata e visualmente do que ocorre em todo mundo. Desde 1983, era pensado um Banco Educacional, via satélite, que poderia ser utilizado por todos os países que tiverem acesso ao sistema. Esta proposta foi feita por La Bounty durante o Terceiro Congresso da Organização Universitária Interamericana, realizada em Salvador-Bahia, em 1983.

## **Ensino superior a distância no Brasil**

Durante a década de 1980, aconteceram, no Brasil, várias iniciativas frustradas para a criação de uma Universidade Aberta a Distância. A motivação ocorreu pela divulgação das experiências da Universidade Aberta da Inglaterra, da Universidade Aberta da Venezuela, da Universidade Aberta de Costa Rica e de outras experiências bem sucedidas. Nesse período, a Universidade de Brasília criou um centro para desenvolver cursos de extensão sob a modalidade à distância, o que representou um grande avanço. Estavam a frente dessa iniciativa o então pró-reitor de extensão Valnei Garrafa, Maria Rosa de Magalhães e o reitor Cristovão Buarque. Na época, eram usados o correio, encontros presenciais e material impresso.

Na década de 1990, a Universidade Federal da Bahia iniciou timidamente algumas experiências de ensino a distância em várias de suas Unidades de Ensino. Poucas resistiram até a presente data, embora algumas tenham sido consideradas bem sucedidas, como a criação de uma disciplina optativa sobre educação a distância na Faculdade de Educação, uma iniciativa de Fernando Floriano e Katia Siqueira de Freitas, e a oferta de cursos de especialização em alfabetização para professores do interior do Estado da Bahia. Estes cursos foram desenvolvidos e implementados por Fernando Floriano.

### **Vantagens e desvantagens para o cursista**

Flexibilidade, uma característica tão peculiar ao sistema de ensino a distância, apresenta algumas vantagens e desvantagens. Uma das vantagens é a possibilidade dos cursistas estudarem no horário de sua conveniência, em vez de frequentarem aulas em horários pré-estabelecidos pela instituição que oferece o curso. Quase sempre o cursista pode decidir seu próprio ritmo de estudo e submeter-se a exames quando pensa que está bem preparado. Isto representa uma grande conveniência para a sociedade contemporânea, sobretudo para o estudante adulto que trabalha em tempo integral e tem obrigações que não podem ser adiadas em favor dos estudos. Estes são os chamados estudantes em regime de tempo parcial que geralmente trabalham em tempo integral. Contudo, essa mesma flexibilidade pode tornar-se uma desvantagem para indivíduos que não tem hábito de estudo indepen-

dente e para os que tendem a procrastinar. Estes correm o risco de não completarem os requisitos dos programas, a não ser que cuidados especiais sejam implementados para incentivá-los. Estudar mediante cursos a distância requer disciplina de estudos e professores ou tutores especializados para atenderem necessidades específicas. Para as instituições que oferecem os cursos, essa flexibilidade também pode ser uma tormenta, pois é muito difícil atender a todos os cursistas e ainda cuidar de todas as questões logísticas, burocráticas e legais sem descuidar da qualidade e das limitações práticas institucionais.

Outra grande vantagem dos programas de ensino a distância é que presença obrigatória às aulas não é uma exigência como no caso do ensino tradicional. No Brasil, por exemplo, o estudante de um programa de ensino tradicional deve, obrigatoriamente, fazer-se presente à 75% das aulas ministradas. Em países tão extensos como o Brasil, os cursos de ensino a distância têm um papel muito importante. Às vezes, são as únicas formas de educação disponível para a população que vive em locais isolados e de difícil acesso, ou para os que se encontram em prisões, hospitais ou instituições similares.

Por um lado, a falta de contato direto entre estudante e professor pode ser vista como uma desvantagem. Vale a pena ressaltar que, atualmente, os programas de ensino a distância tendem a utilizar técnicas do sistema tradicional, como por exemplo, aulas presenciais que integram estudante e professor, com grandes vantagens para o estudante que sente a necessidade do contato humano e de fazer parte de um grupo. O uso adequado da tecnologia também contribui para aproximar estudante e professor. O telefone, o microfone, as novas tecnologias interativas facilitam o diálogo entre ambos praticamente em tempo real.

A tendência dos programas de ensino a distância é tornarem-se mais pessoais e significativos para os estudantes. Os programas atuais podem ser considerados híbridos por combinarem técnicas do ensino tradicional, como aulas presenciais, com recursos tecnológicos característicos do ensino a distância. Exemplos de programas híbridos são os mantidos pela Universidade Nacional Aberta da Inglaterra e pela Universidade Federal da Bahia através do Programa de Formação Continuada de Gestores de Educação Básica (PROGED)<sup>2</sup>.

## **Aprendizagem e persistência**

Algumas pesquisas indicam que indivíduos cuja aprendizagem depende da estruturação do material instrucional e preferem aulas expositivas às aulas participativas tendem a ter um desempenho acadêmico bom em programas de ensino a distância bem estruturados. O alto grau de estruturação destes programas favorece à aprendizagem dos que aprendem melhor quando o material instrucional é altamente estruturado. O mesmo não ocorre com indivíduos cuja aprendizagem independe da estrutura do material acadêmico; estes podem necessitar de assistência especial para atingir um bom desempenho acadêmico.

Seja qual for o estilo de aprendizagem do indivíduo, motivação é o elemento chave que auxilia os estudantes a vencerem barreiras e obter sucesso acadêmico. Por isto, planejadores e administradores de programas de ensino a distância vêm utilizando, cada vez mais, técnicas de motivação desenvolvidas por psicólogos e educadores. Inúmeras pesquisas estão sendo desenvolvidas nesta área, visando minorar as dificuldades comumente apresentadas pelos cursistas.

O desenvolvimento da tecnologia e as novas descobertas no campo das ciências do comportamento humano, durante os últimos 35 anos trouxeram novas possibilidades aos programas de ensino a distância. Estes se tornaram mais relevantes às necessidades dos estudantes e mais preocupados com a interação entre aluno e professor ou cursista e tutor, visando beneficiar o desempenho acadêmico.

O uso de multi-meios de comunicação, isto é, a combinação de vários elementos, correspondências, rádio, telefone, televisão, computador, satélite, internet provou ser capaz de encurtar distâncias e favorecer as condições de aprendizagem. Todavia, tal combinação pode constituir um problema para países onde a sofisticação tecnológica é dispendiosa, tornando seu uso acessível apenas ao segmento da população que dispõe de recursos financeiros. Além do mais, tais programas requerem professores, tutores e administradores especializados para desenhar material instrucional e orientar os estudantes. O possível problema de evasão de estudantes pode ser minorado quando os programas atendem às necessidades dos estudantes e atenção especial é dada à motivação.

Freitas (1982) analisou a relação de determinadas variáveis com a evasão de estudantes do Curso Introdutório (C.I.) da Universidade Nacional Aberta da Venezuela (UNA), uma instituição de ensino a distância. Os resultados indicaram que o típico aluno é adulto, trabalha em regime de tempo integral e estuda em tempo parcial. A análise dos dados indicou que certas variáveis não institucionais (aquelas sobre as quais a instituição não tem controle direto) estão relacionadas com persistência, mas não necessariamente com aprovação. Assistência acadêmica, apoio, tutoria adequada, programas condizentes com às necessidades do estudante adulto trabalhador podem levá-lo a concluir o curso com aprovação.

## **Conclusão**

Resumindo, segundo pesquisas, ensino a distância está em uso desde 1728 nos Estados Unidos e desde 1840 na Inglaterra. Neste longo percurso, sofreu várias discriminações pelos mais tradicionais acadêmicos, sendo considerado, durante muito tempo, como ensino de segunda categoria destinado às classes menos favorecidas economicamente. Pode ser dito, que foi a partir da implantação bem sucedida da Universidade Aberta da Inglaterra no final do século XX, que a respeitabilidade do ensino a distância começou a deslanchar.

Hoje em dia, não resta mais dúvidas sobre sua importância e relevância para a sociedade do mundo globalizado e tecnologicamente ajustado. A cada novo desenvolvimento tecnológico, novas possibilidades são acrescentadas a essa modalidade de ensino, atualmente prestigiada por diversos organismos nacionais e internacionais. No Brasil, há várias iniciativas em andamento, podemos citar algumas que sinalizam a ceitação dos cursos a distância por órgãos oficiais, como: a) a do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) - que implementa, desde 2001, via Secretarias Estaduais de Educação, o Programa de Capacitação a Distância para Gestores Escolares (PROGESTÃO); b) as do Ministério de Educação com o programa de formação para professores leigos (PROFORMAÇÃO) e com a criação, em 2004, da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica, congregando 19 universidades brasileiras, com a perspectiva de investir onze milhões de reais em programas de educação a distância

durante quatro anos. Cinco áreas do conhecimento estão sendo contempladas pela rede que está em pleno funcionamento, conforme indicadas no site <http://www.mec.gov.br/acs/asp/noticias/noticiasId.asp?Id=5943><sup>3</sup>. São elas:

*Alfabetização e Linguagem* – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal de Sergipe (UFS),<sup>4</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

*Educação Matemática e Científica* – Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

*Ensino de Ciências Humanas e Sociais* – Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

*Artes e Educação Física* – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

*Gestão e Avaliação da Educação* – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Todas essas instituições estão desenvolvendo um trabalho pertinente e de grande valor para a sociedade. A experiência até o momento tem sido muito importante e está encurtando as distâncias entre universidade e ensino básico nacionalmente. Inúmeras experiências com ensino a distância estão em andamento no Brasil, mas a intenção do texto foi apenas pontuar um pouco do seu desenvolvimento.

## Notas

<sup>1</sup> O leitor pode consultar o site a seguir indicado, ele foi acessado em 6-11-05 às 16h; <http://www.nytimes.com/2005/09/07/education/07tutor.html?ex=1131426000&en=d5be192e33cd14ed&ei=5070>

<sup>2</sup> Para maiores informações, consultar [www.proged.ufba.br](http://www.proged.ufba.br)

<sup>3</sup> Acesso em 5/11/2005 às 20h.

<sup>4</sup> Esta decidiu deixar a Rede.

## Referências

CASTRO, C.M.; GUARANYNS, L.O. **O ensino por correspondência: uma estratégia do desenvolvimento educacional no Brasil**. Manuscrito. Rio de Janeiro, 1977.

FREITAS, K. S. de. **Student Attrition in the Introductory Course of the National Open University of Venezuela**. USA: The Pennsylvania State University, 1982.

KATZ, H.H. A state of the art on the independent private School industry in the state of Illinois. **Advisor Council on Vocational Education**, 1973, May, p. 6-7.

LA BOUNTY, H.O. **Growth of higher education and economic recession**. Artigo apresentado durante o III Congresso da Organização Universitária Interamericana em Salvador-Bahia, abril, 1983.

LONG, P. The Communication satellite as educational tool. **Convergence**, 1982, 15 (1), p. 45-56.

MOORE, M.G. Learning autonomy: The second dimension of independent learning. **Convergence**, 1972, 5 (2), p.76-88.

OSÓRIO, H. **Proyecto de investigación y de documentación sobre la situación de la teleeducación en América Latina**. Lima: Colección Teleeducación, 2, 1974, p. 127.

SHULMAN, C.H. Instructional television-Higher education without commercial interruption. **American Association for Higher Education**, May, 1981, 33 (9), 7-11.